



FILMES  
QUE AMO

— Lauro António

**FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 20 DE JUNHO, DE 2022 - 21H00**

**MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO - (entrada livre)**

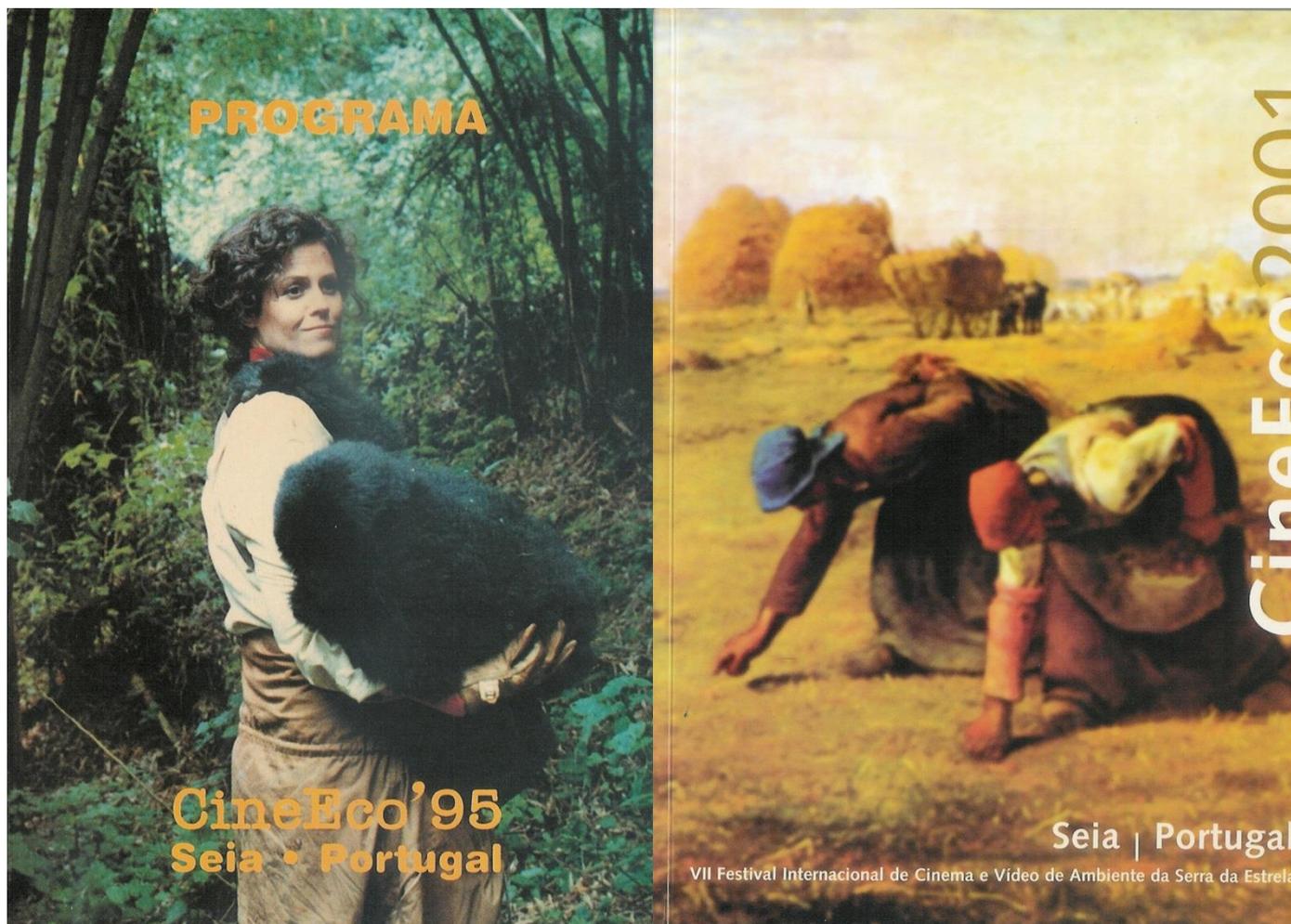
## **KOYAANISQATSI**

**Título original: Koyaanisqatsi**

**Realização: Godfrey Reggio (EUA, 1982)**

### **1. 16 ANOS DO "CINE ECO" E O CINEMA AMBIENTAL**

Entre 1995 e 2010 fui diretor do Cine Eco, Festival Internacional de Cinema e Vídeo do Ambiente da Serra da Estrela. Em 2011, sem qualquer razão ou justificação plausíveis, fui afastado da sua direção pela atual vereação da Câmara Municipal de Seia, depois de, no ano anterior, o então presidente da Câmara, Eduardo Brito, me ter homenageado no dia da cidade, com a atribuição de um diploma e respetivo galardão pelos bons serviços prestados ao município no campo da cultura.



Conhecia bem Seia desde 1979, quando aí estivera instalado, na Pousada, com a equipa da "Manhã Submersa". As filmagens de exteriores decorreram em Linhares da Serra, a poucos quilómetros de Melo, aldeia natal de Vergílio Ferreira, mas tanto técnicos como atores ficaram a pernoitar em Seia, durante um Inverno inóspito. Curiosamente, quase todas as equipas de filmagem esperam que o mau tempo passe para iniciarem a rodagem do filme. No caso da "Manhã Submersa", aconteceu precisamente o contrário: mantinha-me em Lisboa com a equipa pronta a arrancar mal me dissessem da Serra da Estrela que o temporal, de preferência com muita neve, se tinha abatido sobre a região. Partimos para Seia em fins de novembro, inícios de dezembro, não recordo bem o dia certo, mas foram duas semanas de intenso trabalho, intensa neve, intenso frio, intensa chuva, intenso temporal.

Tal como fora sonhado. Saíamos para a jorna às 8 da manhã, regressávamos muitas vezes noite alta, mas foi durante esse tempo que mantive um primeiro contacto íntimo com esta cidade, que já conhecia, no entanto, de anteriores passagens. Mas curtas.

Foi com Manuel Guimarães que pela primeira vez visitei Seia. Filmava ele o seu derradeiro filme, "Cântico Final", eu e a Eduarda (o Manuel Guimarães fora nosso padrinho de casamento) fomos visitá-lo à Serra e foi ele que me apresentou Vergílio Ferreira, autor do romance de onde partia o seu filme. Foi esse contacto que fez nascer a ideia de rodar "Prefácio a Vergílio Ferreira", em 1975. Vergílio Ferreira era um escritor que eu já muito admirava (sobretudo por dois romances que eu lera em jovem e me marcaram bastante, "Manhã Submersa" e "Aparição") e por quem me apaixonei ao primeiro contacto. Era aparentemente um homem fechado e distante, mas essa era uma opinião superficial, que um convívio mais regular alterava profundamente.

O filme de Manuel Guimarães foi rodado no Inverno de 1974 (e só estreado a 16 de Junho de 1976, depois da morte do realizador, tendo sido terminada a montagem pelo filho, Dórdio Guimarães), a minha curta-metragem foi iniciada na Serra da Estrela, nesse mesmo ano (e terminada em 1975, tendo acompanhado na estreia "Cântico Final", como seu complemento). Depois voltei a Seia em 1979 para escolha de locais de filmagem para "Manhã Submersa", acompanhado pelo então meu assistente de realização, Mário Damas Nunes. Ainda como preparação para a rodagem da longa-metragem, regressei à Serra, para rodar "Vergílio Ferreira numa "Manhã Submersa", um documentário que acompanhou, como episódio "Zero", a série "Manhã Submersa" na RTP. Mas fixemo-nos em Seia, e tentemos recordar como nasceu, em 1995, muitos anos depois destes contactos iniciais, o Cine Eco, Festival Internacional de Cinema e de Vídeo da Serra da Estrela.

Este foi um festival que fui convidado a dirigir, e não um festival que eu tenha proposto realizar. Lembro-me que um dia, no Verão de 1995, recebi um telefonema de Paula Bobone, essa mesma, dos livros de regras de etiqueta, e das festas vip, a perguntar-me se estaria interessado em dirigir um festival de cinema e ambiente, na Serra da Estrela. Tínhamos sido colegas na Faculdade de Letras, quando ambos aí estudávamos, nos idos de 60. Encontrávamo-nos ocasionalmente em estreias ou jantares, nomeadamente na Casa da Comida, a convite do nosso amigo comum, Jorge Vale. Um festival de cinema é sempre uma boa oportunidade para divulgar o cinema, o ambiente era um tema que começava a tomar corpo nas preocupações das sociedades, eu já fora júri em dois ou três rudimentares festivais de cinema e ambiente (um deles, muito amador e bem intencionado, em Portalegre, outro em Espanha, mas ambos com o mesmo tipo de preocupações muito caseiras, a beata no chão, o lixo, os passarinhos nas gaiolas, uma educação ambiental muito rudimentar). Disse que colocava a hipótese, sim, e marcámos um encontro. Por essa altura a Paula Bobone trabalhava numa empresa de publicidade, a "Brainstorm", em Lisboa, que tinha sido encarregue de promover um festival de cinema ambiental em Seia e de estruturar graficamente a ideia. Ideia essa que nascera de um grupo de amigos de Seia que tinham em comum dois interesses. Não será preciso muita imaginação para descobrir que esses interesses eram o cinema e o ambiente: uns mais cinema, outros mais ambiente, mas todos sinceramente apaixonados pelas temáticas. Como não sabiam organizar o certame, contrataram uma empresa de publicidade para ir dando os primeiros passos e, através da Paula Bobone, chegaram então a mim.

O cinema claro que me mobilizava muito. Já havia, por essa altura, integrado a equipa de vários festivais de cinema e até organizado alguns como responsável único. Fora o promotor principal de um festival sobre os "Audiovisuais no Ensino", creio que em 1963, quando estava a meio do meu curso na faculdade de Letras, e que decorreu no Cinema Roma. Integrara as comissões diretivas do Festival de Lisboa, mais ou menos por essa altura, ao lado do Luís de Pina, do Vasco Granja, do Dinis Machado. Tinha criado um Festival em Portalegre, um outro em Viana do Castelo, promovera festivais sobre o "Audiovisual no Ensino", com edições em Lisboa e no Porto, criara igualmente, no ISCEM, durante o período em que aí dei aulas, um festival sobre o "Audiovisual na Comunicação Empresarial" (chamava-se FACE). Fundara e arrancara, em 1985, juntamente com Manuel Costa e Silva e Mário Ventura Henriques, com o Festroia (de que me afastei por desacordo de orientação "política", logo após a primeira edição). Tinha uma vasta experiência em festivais e um gosto muito especial em trabalhar num tal empreendimento. Depois havia ainda um "pormenor" para mim muito significativo: tratava-se de uma iniciativa fora da rota dos grandes acontecimentos culturais, longe de Lisboa ou do Porto, no interior do País, bem perdida na belíssima Serra da Estrela. Descentralizar a cultura e a arte sempre me pareceu essencial.

Mas também me mobilizava o ambiente, sobretudo porque julgava que se poderia e deveria modificar muito do que até então eu vira nos festivais em que estivera presente e que tinham o ambiente como tema. Não me parecia que "o papel para o chão", "o cigarro fora do cinzeiro", "o tratar bem dos bichinhos e das plantas" fossem os temas candentes da nossa ameaça ambiental. Eram mais questões de boa educação do que de bom ambiente. Eram os "peanuts" com que os poderosos achavam que os putos se deviam entreter enquanto os grandes negócios eram esquecidos e as grandes ameaças caladas. Os jogos perigosos das grandes potências, a loucura consumista dos EUA, o estado caótico da URSS e dos países de Leste, o que se adivinhava e o que se pressentia, as guerras imperialistas, os novos colonialismos, as multinacionais em expansão, a vergonha do Terceiro Mundo abandonado, os

terrorismos, o perigo nuclear, o egoísmo e a voracidade, a avidez e a cobiça das empresas, dos governos, das instituições, isso sim parecia-me que deveria ser mostrado e polemizado num festival de cinema cujo tema fosse o ambiente.



Por isso fui ao encontro com os responsáveis, com a "Brainstorm", a quem expus um pouco das minhas ideias, depois confirmadas numa carta dirigida a Joaquim Luís Martins, de que recordo alguns passos:

"Depois da conversa havida ontem, aqui estou a sistematizar algumas das ideias que poderiam concretizar a minha futura colaboração com o CineEco. Em primeiro lugar coloco, como já tive oportunidade de vos referir, a questão da responsabilidade de toda a parte do Festival de Cinema e Vídeo. Parece importante que as responsabilidades se não esbatam, numa direção multicéfala. Teria, no entanto, muito gosto de ficar como diretor técnico do Festival para estas áreas.

Na expectativa dessa questão inicial ser facilmente ultrapassada, como me deu a entender na nossa conversa de ontem, junto envio um esquema provisório para o CineEco 95.

Para lá das secções de Cinema e Vídeo competitivo, onde havia ainda que fazer algumas afinações, mesmo ao nível do regulamento, se ainda for a tempo, julgo que um Festival deste tipo deveria ser enriquecido com várias secções paralelas para dinamizar e diversificar as propostas oferecidas ao público. Assim, no campo do Cinema:

1º Outras Serras, Outras Gentes: Criação de uma secção de filmes de ficção, onde a temática versasse temas como a ecologia, a defesa do ambiente, a vida rural na serra, etc. Estes filmes passariam nas sessões da noite, numa sala de cinema normal. Poderiam passar rotativamente, em várias salas da serra da Estrela.

2º A Serra nos 100 Anos do Cinema: apresentar alguns filmes clássicos onde a serra tivesse um papel preponderante. Seria uma forma de integrar este Festival nas comemorações dos 100 Anos do Cinema, e simultaneamente mostrar filmes essenciais para esta temática.

3º A Cidade e as Serras: uma secção que procuraria mostrar filmes portugueses que tivessem sido rodados, primeiramente na Serra da Estrela, depois noutras serras, e onde se abordassem temas relacionados com a vida na serra, ou as implicações da migração para a cidade.

4. Vídeo educativo: apresentar, por exemplo, uma ou duas séries documentais dedicada a problemas ecológicos, ou de vida humana ou animal que tivesse como habitat natural a serra. Exemplos: "Desafios da Natureza", de David Attenborough; "O Mundo Desconhecido"; "National Geographic"; "Portugal, um Retrato Natural", etc.

(...) Publicações: para lá do programa geral do Festival, que abordaria os filmes a concurso e todas as outras secções, seria talvez interessante criar cadernos monográficos, sobre questões que se prendam com os temas abordados cada ano no Festival. Seria uma forma de fazer perdurar o certame no tempo, para lá dos dias da sua efetivação.

Comunicação social: convidar representantes da comunicação social, dos vários canais de televisão, da rádio, nacional e regional, da imprensa, diária, semanal e regional, para estarem presentes, a acompanhar o Festival.

Exposição: tentar todos os anos ter uma exposição versando temas que seriam abordados no Festival. Creio que estas são algumas ideias a considerar, mas algumas outras poderão surgir. Gostaria de visitar Seia e as localidades vizinhas, para me inteirar das condições e das infraestruturas existentes, pois muito do que se pode fazer depende delas."

A "Brainstorm" serviu de intermediária entre o grupo de Seia e eu, após o que nos encontramos para trocar ideias e definir tarefas. Do grupo de Seia faziam parte várias pessoas de que me tornei particular

amigo, a começar pelo Carlos Teófilo, advogado, Angelina Barbosa e Nuno Santos, dois dos responsáveis pelo Parque Natural da Serra da Estrela, Mário Jorge Branquinho, da CM de Seia, e o seu presidente, Eduardo Brito, um dos impulsionadores da ideia e igualmente um dos seus patrocinadores principais, de que faziam parte ainda o IPAM, Instituto de Promoção Ambiental (que tinha em Aristides Leitão um dos responsáveis mais dinâmicos), o Parque Natural da Serra da Estrela, a Região de Turismo da Serra da Estrela (cuja participação era mais nominal do que real: ainda hoje um dos concorrentes a uma das primeiras edições do Cine Eco está para receber um prémio que a Região de Turismo da Serra da Estrela se tinha comprometido a pagar) e a Associação de Desenvolvimento Rural da Serra da Estrela. Como se vê, falava-se muito da Serra da Estrela, região reconhecidamente pobre, por isso não foi de estranhar que, desde a primeira edição, o festival contasse mais com o brio e a dedicação de quem o organizava do que com dinheiros públicos (ou privados). Ainda por cima, tempos depois, o IPAM encerrou as portas e deixámos de contar com o seu apoio.

O festival impôs-se nacional e internacionalmente, dezasseis anos depois era um dos mais importantes certames do género em todo o mundo, tendo criado parcerias internacionais com outros festivais, criado uma geminação entre Seia e Goiás (Brasil), com base nos dois festivais existentes nestas cidades, ganhou prémios e credibilidade. Os orçamentos eram mínimos reduzidos, os convidados reduzidos (muitas vezes eram os convidados a pagarem as (suas próprias) passagens, o que não impediu de por ali passarem grandes nomes do cinema, das artes e da cultura. Pois bem, em 2011, os novos "senhores daquilo tudo", acharam por bem "refrescar" a orientação do festival. Para nos anos seguintes continuarem a fazer mais ou menos a mesma coisa, mas com outros orçamentos.

O que lá vai, lá vai, mas o gosto pelo cinema ambiental e a preocupação pelos problemas levantados pelo futuro do nosso planeta, esses mantiveram-se. Pelo Cine Eco passaram os melhores filmes alguma vez feitos abordando, direta ou indiretamente, o problema ambiental, como este "Koyaanisqatsi", mas também "Uma Verdade Inconveniente", de Al Gore, "Home", de Yann Arthus-Bertrand, "The 11th Hour", com colaboração de Leonardo Di Caprio, estes em antestreias especiais no nosso país.

## 2. KOYAANISQATSI (1982)



Diz-se por aí que uma imagem vale mais do que mil palavras. Eu, que gosto de imagens e de palavras, acredito que umas e outras podem ter o mesmo peso, isto é, todo e nenhum, sendo que se duvida mais rapidamente de uma palavra do que de uma imagem, e sabido é, que mais e melhor se mente com imagens do que com palavras. Quando se ouve alguém gabar a sua muita generosidade, ouvidos já tarimbados pela hipocrisia humana, tendem a dar o desconto e não acreditar em tudo o que lhe dizem. Mas se virem imagens, são tentados a acreditar, pois que as imagens estão mesmo ali à sua frente. Aparentemente, o que está ali à nossa frente não mente. Mas as imagens mentem, podem não dizer respeito ao que se diz, podem ser enquadradas, montadas, sonorizadas, adquirindo significados muito distantes daqueles a que elas originalmente ostentavam. Por isso, desengajem-se os crédulos: tanto as palavras como as imagens mentem.

Se há filme em que as imagens valem por si, não necessitando de palavras para levarem a sua mensagem ao espectador, esse filme é "Koyaanisqatsi", já que se percebe todo, quase sem uso de

palavra. Quase. Porque no título tem uma palavra e essa palavra é importante para definir todo o alcance do projecto. Koyaanisqatsi é uma palavra que, na linguagem dos índios Hopis, que vivem ainda hoje no nordeste do estado de Arizona, nos EUA, quer dizer vida desequilibrada, vida em desintegração, vida descompensada. Digamos que uma vida louca que faz apelo a um outro tipo de vida. Esta obra faz parte de uma chamada trilogia Qatsi, todos eles dirigidos por Godfrey Reggio, todos eles tendo por título uma palavra hopi. Depois de "Koyaanisqatsi", de 1982, surgiram "Powaqqatsi", que refere uma "vida em transformação", e que estreou em 1988, e "Naqoyqatsi", palavra que assinala a "guerra como modo de vida", de 2002.

Durante sete anos, o realizador e o diretor de fotografia Ron Fricke reuniram imagens de todo o mundo, com percentagem acentuada dos EUA, criando um espetáculo que até aí se mantivera inédito. Depois disso, o próprio Ron Fricke iria abordar este tipo de narrativa, essencialmente fotográfica e musical, em obras igualmente interessantes, como "Baraka" (1992) e "Samsara" (2011). Em "Koyaanisqatsi" igualmente importante é a partitura musical de Philip Glass.

O filme é particularmente curioso porque se torna mais ou menos óbvio para quem o vê, o poder sugestivo das imagens e da forma como estas são montadas. No seu decorrer a obra de Godfrey Reggio procura demonstrar como o homem era feliz vivendo de harmonia com a natureza, e como, à medida que foi desenvolvendo tecnologia, foi delapidando o planeta e desgastando recursos naturais de forma absurda, para não dizer criminoso. É evidente que esta mensagem é objetivamente justa e correta, mas pode dar origem a leituras redutoras e equívocas. Não é o progresso que põe em causa a vida sustentável no planeta, é a deficiente utilização desse progresso que pode condenar irremediavelmente o planeta. É sobretudo a febre de lucro fácil, a falta de escrúpulos, a corrupção instalada, enfim, os vícios mais primitivos do ser humano, que levam a que o progresso seja desviado de fins humanistas para negociatas inconscientes em termos ambientais.

O filme que celebra o equilíbrio da Natureza no seu início, denuncia com violência o excesso de população, a poluição, a violência, o trabalho (quase) escravo dos biliões de seres humanos, que põem em risco a vida na Terra, mas igualmente colocam em causa não só a sua existência de seres humanos, como de todos os seres vivos. As imagens que vão desde as pinturas rupestres até ao lançamento das grandes naves espaciais demonstram bem a evolução das conquistas humanas, mas igualmente o perigo que as mesmas representam.

O filme tem imagens de uma beleza invulgar ao lado de outras de um dramatismo intenso. Godfrey Reggio serve-se de todos os efeitos possíveis para atingir os seus fins, do acelerado à cámara lenta, e o todo pode ser lido como um poema cinematográfico, aqui e ali sugerindo mesmo uma ópera minimalista, com os coros cantados pelas tribos hopis, tendo como refrão a palavra Koyaanisqatsi.

Cremos que esta é uma obra de uma invulgar beleza, que terá de ser lida como um aviso em direcção ao futuro e não como a simples e reacionária celebração do passado. Nesse sentido, "Koyaanisqatsi" é uma marca na história do cinema.



### **KOYAANISQATSI**

**Título original:** Koyaanisqatsi

**Realização:** Godfrey Reggio (EUA, 1982); **Argumento:** Ron Fricke, Michael Hoenig, Godfrey Reggio, Alton Walpole; **Produção:** Francis Ford Coppola, Godfrey Reggio, Mel Lawrence, Roger McNew, T. Michael Powers, Lawrence Taub, Alton Walpole; **Música:** Philip Glass; **Fotografia (cor):** Ron Fricke; **Montagem:** Ron Fricke, Alton Walpole; **Som:** David Brownlow, Doc Goldstein, David W. Gray, David B. Hancock, Joe Lopes, Dominick Maita, Steve Maslow, Tom Meloney, David Rivas, Thomas Scott, Michael Stocker, Randy Thom; **Efeitos visuais:** Thomas Edmon, Jane Gudwin, Wayne V. McGee; **Companhias de produção:** IRE Productions, Santa Fe Institute for Regional Education; **Intérpretes:** Lou Dobbs, Ted Koppel; **Duração:** 86 minutos; **Distribuição internacional e em Portugal:** MGM; **Classificação etária:** M/ 12 anos.

**FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 27 DE JUNHO, DE 2022**

**MASTERCLASS: FILMES QUE AMO II - 21H00 (entrada livre)**

### **AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT**

**Título original:** Die bitteren Tränen der Petra von Kant

**Realização:** Rainer Werner Fassbinder (RFA, 1972) | **Duração:** 124 minutos | **M/16**